

OSHO

Os Novos Direitos Humanos

Tradução de
Maria Santiago

Pergaminho

Celebrar a Declaração Universal dos Direitos do Homem: Um exercício de hipocrisia

Osho,

Parece estranho que as grandes potências mundiais, que dedicam todos os seus esforços e recursos a resistir a qualquer mudança suscetível de ameaçar o seu poderio, nos convidem a celebrar um «Dia dos Direitos Humanos». Quer comentar?

Uma coisa fundamental que não podemos esquecer é que vivemos numa sociedade hipócrita.

Perguntaram uma vez a um grande filósofo: «O que pensa da civilização?», e a resposta dele foi: «Acho que é uma boa ideia, devia-se experimentá-la.» A civilização ainda não existe, é um sonho para o futuro. Mas os detentores do poder – político, religioso, social – mantêm os seus lugares porque a civilização não existe. Um mundo civilizado e um ser humano adulto não precisam de nações (todas as fronteiras são artificiais) nem de religiões (todas as teologias são simples ficção).

Os líderes que há milénios ocupam o poder – clérigos, políticos, oligarcas – dominam as técnicas de como evitar a evolução humana. E a melhor tática é a da persuasão: convencer o povo dizendo-lhe: «Tu já és civilizado, tu já és um ser humano. Não necessitas de nenhuma transformação, de nenhum aperfeiçoamento.» O ponto fraco do homem é que embora o seu raciocínio lhe diga que a civilização não existe, tal como não existe a sensibilidade humana, tende a acreditar em todas as mentiras que os políticos têm inventado, que os clérigos têm pregado, que os educadores têm ensinado – porque é mais fácil crer que pensar. Crer não exige qualquer esforço.

Reconhecer que ainda não se é humano causa medo. É como se nos arrancassem o chão debaixo dos pés. A verdade parece-nos impiedosa, despe-nos de todas as mentiras, de todas as hipocrisias. Por isso ninguém quer realmente a verdade, prefere pensar que já a tem.

É simples manipulação psicológica. Se não queremos dar alguma coisa a alguém, vamos tentar persuadi-lo, hipnotizá-lo, repetir-lhe quantas vezes for preciso que «Tu já tens isso». E à medida que milhares de pessoas à sua volta – pais, professores, sacerdotes, líderes – acreditarem nisso, torna-se cada vez mais difícil que os recém-chegados a este planeta, as crianças, não aceitem como óbvia essa ideia milenar. Milhões de pessoas têm vivido e morrido acreditando que a civilização existe.

Por isso a primeira coisa que quero que compreendam é que ainda somos bárbaros. Só bárbaros, e não seres humanos civilizados, podem fazer as coisas que fazemos há milhares de anos. Em três mil anos, cinco mil guerras documentadas, e chama-se a isso civilização? Ainda nos meados do século xx conhecemos Adolf Hitler, José Estaline, Benito Mussolini, Mao Tsé-Tung. E ainda se diz que o homem é civilizado?

Adolf Hitler matou seis milhões de seres humanos, com toda a sofisticação. Utilizou ao máximo a ciência e a tecnologia, e um milhão de judeus foram simplesmente assassinados nas câmaras de gás. Milhares de pessoas convertidas em alguns segundos numa nuvem de fumo saída duma chaminé. Ele matou tantas pessoas que era impossível dar-lhes sepulturas individuais. Nunca houve pobres tão pobres – mesmo os mendigos têm direito à sua cova, mas as vítimas de Hitler eram tão numerosas que teriam transformado a Alemanha num imenso cemitério. Foi preciso abrir valas comuns para elas. Cavaram-se fossas profundas para onde os corpos eram lançados e cobertos de lama. Antes de soterrados, porém, os cadáveres eram despojados dos últimos vestígios da sua dignidade: eram despídos, degolados, desmembrados, misturados de modo a nunca poderem ser reconhecidos. Milhares e milhares de vítimas que nenhuma busca poderia identificar. Porquê? Exatamente porque Hitler não queria que pudessem ser reconhecidas, não queria que fossem sequer um corpo. E falamos de civilização?

A história nem sequer acaba aqui. Depois das atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial, qualquer um pensaria que era preciso que ela tivesse sido a última. Mas não, já estamos a preparar-nos para a terceira – a final.

Albert Einstein, a quem perguntaram numa entrevista como seria a terceira guerra mundial, respondeu: «Lamento, não posso dizer nada sobre a terceira guerra mundial, só sobre a quarta.» O jornalista insistiu: «Mas se não pode dizer nada sobre a terceira guerra – que sabemos ser um tema complexo – como pode dizer alguma coisa sobre a quarta, que é um tema ainda mais complicado?» «Não está a compreender. Sobre a quarta guerra mundial posso dar-lhe uma certeza categórica: que nunca terá lugar, porque a terceira aniquilará tudo o que vive, humanos ou rosas. A vida desaparecerá do planeta», foi a resposta de Einstein.

E ainda falam de civilização? Não, é uma inverdade, tal como a Declaração Universal dos Direitos do Homem das Nações Unidas é uma hipocrisia.

George Gurdjieff, o filósofo e místico arménio, costumava contar uma história sobre a humanidade.

Era uma vez um bruxo que foi viver para o cimo duma montanha, no meio duma enorme floresta, onde havia inúmeros rebanhos. Depressa os animais começaram a fugir dele, porque todos os dias o viam matar um carneiro para o comer – e cada vez era mais difícil apanhá-los no meio da floresta densa. O bruxo resolveu portanto recorrer aos seus feitiços e hipnotizou os animais, dizendo a uns «Tu és um homem, não tens nada a temer. Carneiros e ovelhas podem ser mortos e comidos, mas tu não, tu és um homem como eu», e a outros «Tu és um leão. O medo é para os carneiros, esses cobardes que fogem de mim. Tu és um leão, preferias morrer a fugir. Não fazes parte da carneirada. Que vivam ou morram pouco te interessa. São feitos para serem comidos, mas tu és o meu amigo mais querido».

Foi contando aos animais histórias diferentes, e rapidamente eles deixaram de fugir à sua aproximação. Continuavam a vê-lo matar e comer rebanhos inteiros, mas não se preocupavam. Uns estavam convencidos de que eram leões, outros tigres, outros homens... Ninguém

era um carneiro exceto o que estava a ser abatido. E assim, sem ter de pagar a pastores, o bruxo controlava os animais, que desciam à floresta para se alimentar e voltavam a subir à montanha, todos eles convencidos da mesma coisa: «Só são comidos os carneiros, eu não. Eu não faço parte dessa espécie. Sou um leão, respeitado, privilegiado, um amigo pessoal do bruxo!» E assim o bruxo deixou de ter problemas.

Repito esta história porque é uma parábola. Inúmeros homens acreditam no que lhes é dito sem sequer olharem à sua volta para comprovar se as palavras que ouvem correspondem à realidade que os cerca.

Para começar...

A minha primeira objeção à Declaração Universal dos Direitos do Homem é que os direitos só existem onde existam deveres. Os deveres são raízes, os direitos flores: não pode haver direitos sem deveres. Há um Dia Internacional dos Direitos Humanos, mas ninguém celebra um dia dos deveres humanos, que vêm em primeiro lugar.

E porque não falam os políticos dos deveres humanos? Porque não estão interessados em dar direitos ao povo. Sem os deveres, os direitos são uma questão teórica, uma linda bola de sabão que encanta as crianças mas que não pode ser agarrada. E também porque os políticos que fazem essas declarações não fazem ideia do que sejam deveres. Deixem-me dar alguns exemplos.

Dizem-nos que todos os seres humanos são iguais. Soa bem, satisfaz o ego, portanto ninguém discorda. Por acaso é uma das mentiras mais perigosas que podem ser ditas. Eu afirmo que a igualdade é um mito. Não há dois seres humanos que sejam iguais em qualquer sentido, em qualquer dimensão.

Não digo que as pessoas sejam desiguais: digo que cada uma é única e incomparável, e que a questão da igualdade nem sequer se põe. As colunas da Acrópole são admiráveis. Seremos iguais a essas colunas? Podem ser belíssimas, mas não somos como elas. Isso não significa que lhes sejamos superiores ou inferiores, apenas que não somos colunas. Um pilar é um pilar e um homem é um homem.

Cada homem é uma categoria em si. Se não reconhecermos a singularidade de cada indivíduo, não podemos falar de direitos humanos, e não haverá um mundo civilizado – humano, solidário, festivo.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem insiste repetidamente em que devemos amar todos os seres humanos, porque todos somos irmãos. Mas conhecem muitos irmãos que se amem? Que sejam amigos? Uma briga de irmãos é pior que qualquer outra. Dizer que «somos irmãos» não quer dizer nada.

Final que autoridade tinham os signatários da Declaração Universal dos Direitos do Homem? Quem eram? Políticos. Políticos, a causa de todas as guerras, de todo o género de violência perpetrada no mundo. São eles que têm mantido quase metade da humanidade (as mulheres) em estado de escravatura. Reparei mesmo que na Declaração se fala muito de irmãos, mas quase nada de irmãs. As irmãs podem ser metade do género humano, mas não são contadas. Mal são mencionadas. (Repare-se que o título original da Declaração é *Dos Direitos do Homem*, a expressão «Direitos Humanos» é bastante recente.)

Os políticos são bem-falantes, inteligentes, perspicazes, geralmente luminares do Direito. Dizem-nos que não deve haver qualquer discriminação entre homens e mulheres, negros e brancos; não deve haver distinção entre raças, religiões, ideologias políticas. Mas quem é responsável por essas discriminações? Eles mesmos, os que enchem a boca com a Declaração! Eles que escravizaram a mulher ao longo dos séculos, e na prática continuam a cercar-lhe essa liberdade que, segundo a sua Declaração, é um direito humano básico. Os mesmos que ainda hoje tratam os negros como animais.

Até aos fins do século XIX, os negros eram vendidos, leiloados em praça pública como mercadorias. E ainda hoje são menos respeitados que os brancos. Mas os políticos são brancos, os mesmos que durante trezentos anos controlaram o tráfico de escravos.

Tinham todos eles os seus impérios. A Inglaterra era dona do maior, tão grande que se dizia que o sol nunca se punha no Império Britânico, porque em qualquer zona da Terra havia sempre um território britânico onde era dia e o sol brilhava. Os outros não lhe ficavam muito atrás: França, Espanha e Portugal tinham vastas colónias

dispersas pelo mundo, que exploravam como parasitas. É ridículo esses parasitas virem agora proclamar os direitos humanos!

Trata-se de um logro. Não falam a sério. Pretendem apenas mentalizar o indivíduo de que é irmão de todos e que já possui todos os direitos humanos. Mas eu sei, por experiência própria, que esse discurso de direitos humanos é uma fraude.

Um dos direitos humanos consagrados na Declaração é que ninguém pode ser preso sem um mandado. Ora, eu fui preso nos Estados Unidos sem um mandado de captura ou de busca. Nem sequer fui informado verbalmente do que era acusado. Quando perguntei que crime tinha cometido, tive por resposta doze metralhadoras apontadas ao meu avião a jato. Uma metralhadora está longe de dar uma resposta civilizada.

Os polícias não tinham um mandado de captura, mas não só me prenderam, como usaram um truque técnico: prenderam-me numa sexta-feira, depois da hora de fecho dos tribunais, para que eu ficasse detido pelo menos durante o fim de semana, já que só na segunda os tribunais reabririam e poderia ser-me atribuída fiança. Eles mesmos estavam convencidos de que eu sairia sem fiança, uma vez que não havia razões para me prenderem – nenhuma prova, nenhum indício contra mim. Tinham escolhido o período de encerramento do tribunal só para terem a satisfação de me enxovalhar por dois dias. Mas ao terceiro dia não me surpreendi quando o tribunal recusou libertar-me sob fiança. A juíza nem permitiu que os meus advogados impugnassem a falta do mandado de captura. Num país que se gaba de ser a maior democracia do mundo, um tribunal recusou-se a ouvir as alegações dos meus advogados para evitar que fossem registadas! O que estava em causa era outra coisa. Como disse, eu tinha sido preso ilegalmente (e, três dias passados, continuava a não haver qualquer mandado contra mim, portanto não podia ser sujeito a fiança), mas pura e simplesmente recusaram-me essa fiança a que eu não podia estar sujeito.

O meu caso foi remetido para um tribunal de segunda instância, onde continuou a ser evitada a questão básica – qual era a acusação? Porque tudo o resto é acessório. Primeiro prende-se uma pessoa sem

lhe dizer sequer de que é acusada [...]. E na Declaração de Direitos que assinaram, os políticos americanos dizem que ninguém pode ser preso sem um mandado formal: que isso é um «direito humano fundamental»! Se eu não tivesse sido preso, talvez acreditasse.

Dizem-nos que todos os indivíduos têm direito às suas ideias filosóficas, religiosas ou políticas, e que ninguém pode intrometer-se nelas. Mas a comuna *sannyas* na América foi destruída pela simples razão de eu não ser branco e de a comuna incluir gente de todas as cores [...] e era o único sítio onde não havia discriminação de qualquer espécie. Destruíram uma comunidade que acatava escrupulosamente os direitos humanos.

À superfície o homem parece ter-se tornado civilizado, mas por baixo do verniz, ao nível do inconsciente, continua a ser um bárbaro.

Na introdução à Declaração Universal dos Direitos do Homem lê-se: «*Estamos decididos a eliminar todas as formas de intolerância e discriminação baseadas em religião ou crença.*» Mas isso não é verdade em nenhum país. As religiões digladiam-se constantemente, e se o governo é composto por fanáticos religiosos, as minorias são esmagadas e exterminadas por todos os meios.

A ideia é boa, lá dizia o filósofo, mas quem tenta aplicá-la dá-se mal.

Na convenção em que as Nações Unidas proclamaram esses direitos fundamentais não participaram a União Soviética e outros oito países comunistas. Os EUA estavam presentes e a Declaração foi adotada por unanimidade. Recordo-vos isto porque a Declaração foi basicamente uma iniciativa americana – e a América é a primeira a violar os direitos humanos.

Os EUA financiaram com duzentos milhões de dólares os terroristas da Nicarágua, um pequeno país da América Central que, como Cuba, se tinha tornado comunista. Para derrotar a Nicarágua, a América inundou-a de terroristas. Milhões de dólares foram canalizados ao longo de anos para o fornecimento de armas e apoio às milícias dos Contras. Diz a Declaração que cada país é soberano, que nenhum país deverá intrometer-se na vida ou religião de outro. Cada país é livre de escolher como quer viver, e em quem quer acreditar ou não.

Ninguém tem nada com isso. Se o povo de um país minúsculo aceitou o comunismo como regime e estrutura social, quem é a América para o impedir? Com que direito?

A Nicarágua apelou para o Tribunal Internacional – que, apesar de cheio de juízes americanos, considerou a ingerência americana um crime contra a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Ronald Reagan simplesmente ignorou a sentença, desautorizando assim o Tribunal Internacional e as suas decisões. («Temos mais em que pensar!»)

Os políticos que tinham escrito a Declaração e criado um Tribunal Internacional para arbitrar em eventuais situações de conflito não estavam afinal dispostos a levá-los a sério.

É uma política de gato escondido com o rabo de fora. O Tribunal Internacional e a Declaração Universal dos Direitos do Homem são biombos a tapar-nos a realidade. Tivesse um país pequeno feito o que fez a América, a sentença seria acatada, e a América teria intervindo em nome do Tribunal Internacional para punir o faltoso. Mas quando é a América a cometer a falta, pode dar-se ao luxo de descartar as decisões do Tribunal Internacional.

E o que pode o Tribunal Internacional fazer num caso destes? Não tem exércitos nem poder. Aliás tem o poder que lhe foi dado pelos políticos, mas se esses políticos resolvem pisar a lei que eles próprios fizeram, o que pode o Tribunal fazer? E as Nações Unidas mantêm-se em silêncio. O seu tribunal foi insultado; se os membros das Nações Unidas tivessem um mínimo de dignidade dissolveriam a ONU e o TI, provavelmente inúteis. Se hoje a América pode desautorizá-los, amanhã serão outros a fazer o mesmo. A União Soviética foi mais lúcida e menos hipócrita, o bloco comunista não votou a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Ao menos esses deixaram claro desde o início que essa retórica elaborada era uma farsa. («Não estamos aqui para enganar ninguém.»)

Os direitos consagrados na Declaração não são muito racionais. Por exemplo, nas suas muitas páginas não se menciona sequer o direito do indivíduo a abandonar o corpo quando já viveu o bastante e está debilitado, doente, velho, dependente e inútil, a sofrer desnecessariamente enquanto espera pela morte. Para quê essa espera? Porquê

torturar assim alguém? A sociedade é responsável por milhares de pessoas em sofrimento atroz, em hospitais ou nos chamados «lares». Sabe-se que não há qualquer possibilidade de elas voltarem a ter uma vida saudável, criativa, útil... e mesmo assim são deixadas a vegetar. A medicina evoluiu a ponto de uma pessoa poder ser mantida viva num hospital durante anos. As máquinas permitem o embuste de manter a respirar uma pessoa já morta.

A longa lista da Declaração exclui um dos mais importantes direitos humanos – o direito de deixar esta vida, devolver o cartão de sócio, dizer «quero voltar para a minha casa, quem são vocês para mo proibirem? Com que direito?». E a questão é muito importante nestes tempos em que nos países desenvolvidos a esperança de vida aumenta cada vez mais sem que a qualidade de vida a acompanhe. Caminhamos para uma situação em que haverá pais vivos de filhos com oitenta ou noventa anos, em famílias com quatro ou seis gerações vivas. Ora, uma quinta ou sexta geração dificilmente poderá criar laços com um antepassado de cento e vinte anos que vegeta numa instituição. Já é cada vez mais comum ver esses velhos que passam meses à espera que alguém os visite – um amigo, um filho, um antigo vizinho... Ninguém vem. As pessoas evitam-nos. São cansativos, deprimentes, desatualizados como um jornal do século passado. Não têm nada de novo a dizer, a vida parou para eles há cinquenta ou sessenta anos, só sabem falar dos bons tempos da sua mocidade, em que cada dia era uma aventura. Os jovens não conseguem sintonizar-se com eles e sentem-se constrangidos na sua presença. O mundo mudou nesse meio século, e os velhos nem deram pela mudança. Mas a eutanásia, o direito a morrer com dignidade, não figura na longa lista da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Os políticos são arteiros. Não querem meter-se em polémicas, por isso só dizem chavões, platitudes, coisas com que toda a gente já concorda ou vai concordar. Não lhes interessa a situação concreta e a mudança necessária. Esforçam-se por contentar toda a gente distribuindo palavras doces.

Em nenhum lugar do mundo são acatados os direitos básicos.
Vejam alguns direitos importantes:

Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade [...]

A frase implica duas coisas. A primeira é que os autores da Declaração aceitam que a humanidade é civilizada; a segunda é que se de vez em quando acontecer um ato de barbárie, a humanidade – todos os seres humanos do mundo! – é ferida na sua consciência, sente dor e angústia.

São duas mentiras, porque não me parece que a humanidade tenha consciência. Se um muçulmano matar um hindu, nenhum muçulmano o reprovará – a questão da consciência nem sequer se põe. Até porque, segundo a sua religião, cometeu uma ação virtuosa. A obrigação de um bom muçulmano é tentar converter ao Islão qualquer infiel, já que só os muçulmanos têm direito à felicidade do Paraíso; mas o infiel pode resistir, recusando-se a ir para o Paraíso, obstinando-se em querer ir para o Inferno, e a maneira de evitar isso é degolá-lo. É uma segurança morrer às mãos de um bom muçulmano: o Alcorão diz que o homem morto por um muçulmano entrará no Paraíso, tal como o muçulmano que o matou. Portanto matar um não muçulmano é salvá-lo do Inferno, e isso não pode evidentemente ser um problema de consciência.

Diga-se de passagem que o mesmo princípio é seguido por hindus e cristãos. Os cristãos mataram provavelmente mais heréticos que os outros, especializando-se em queimá-los vivos. Noutras religiões os inimigos eram mortos e queimados; o cristianismo encontrou um atalho para encurtar as duas operações. Se um livro pode ser publicado num só volume, porque há de ser publicado em dois? Porque se há de matar um homem primeiro e queimá-lo depois, quando se pode simplesmente matá-lo na fogueira? Milhares de pessoas foram queimadas vivas. Não me parece que isso provocasse grandes sobressaltos de consciência.

Se as consciências se sentissem feridas, o mundo mudaria, porque afinal quem é o responsável por este estado de coisas? Somos nós. Desde o princípio a Declaração é uma mentira. Começa por falar de «barbárie» – e o facto é que nas décadas mais recentes cometemos

mais barbaridades que em toda a História do passado. Em dez mil anos não conseguimos aproximar-nos do número de atos bárbaros cometidos nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Estamos a tornar-nos cada vez mais bárbaros, só que com estilo e organização.

Lembram-se de Hiroxima e Nagasáqui? Foram atos bárbaros – ou terão sido afinal um esforço simpático para enviar coletivamente os seus habitantes para o Paraíso? Cidades inteiras, mais de duzentas mil pessoas expedidas para o Paraíso em cinco minutos. Deve ter sido a maior fila alguma vez vista às portas celestiais. E foi a América a responsável por essa hecatombe. Está hoje mais que confirmado por peritos militares que lançar a bomba atômica sobre Hiroxima e Nagasáqui era absolutamente desnecessário. O Japão estava prestes a render-se: após a capitulação da Alemanha, poderia no máximo lutar sozinho mais uma semana. Estamos a falar de um país pequeno, e por muito heroico que fosse o seu povo, faltavam-lhe condições para continuar a guerra. Tinha entrado no conflito com o apoio da Alemanha, e agora que esse apoio desaparecera o Japão tinha de se render também.

Ora, era esse o receio do presidente Truman: que o Japão se rendesse antes que ele tivesse podido lançar a bomba atômica. Depois de investir tanto dinheiro, energia e ciência na criação da bomba, queria fazer o teste definitivo. O homem pode não ser importante, o dinheiro é sempre. A bomba tinha de ser detonada. E vêm dizer-me que um ato de barbárie fere a consciência do homem civilizado? Afinal Truman era ou não um homem civilizado? Mesmo os seus conselheiros e peritos militares lhe tinham dito que era totalmente absurdo e desnecessário um tal sacrifício de vidas humanas. Ele não lhes deu ouvidos.

Na manhã seguinte, centenas de jornalistas convergiram para a Casa Branca para ouvir o que tinha Truman a dizer sobre a maior catástrofe mundial alguma vez provocada por mão humana. Sabia-se que ele estivera a pé até receber a notícia dos resultados («Hiroxima e Nagasáqui em pó, desapareceram do mapa da Terra»), e só depois se tinha ido deitar. Perguntaram-lhe por isso: «Senhor Presidente, dormiu bem?» A resposta foi: «Nunca dormi mais tranquilo, por saber que a nossa experiência foi um êxito. Somos agora a maior potência mundial.»

E vêm falar-me de consciência? Mais de duzentas mil pessoas tinham morrido no espaço de três minutos, e o homem que lhes assinara a sentença de morte tinha dormido tranquilamente sobre isso. Se foi essa a reação de Truman, o presidente a quem chamavam «*True-Man*», homem de bem, como reagiriam pessoas de menor virtude?

Para mim, a civilização continua a ser um sonho, uma esperança, uma utopia. Desde que não nos deixemos enganar pelo hipnotizador que nos diz que somos civilizados, essa esperança pode tornar-se uma realidade, o sonho pode ainda concretizar-se.

Acontece que a consciência nasce da meditação, não a precede. Não nascemos com consciência. Uma criança de pouca idade vê uma formiga e mata-a. Diríamos que essa criança tem consciência, e nesse caso é uma assassina, uma criminosa? Claro que não. Agiu por curiosidade, está a explorar o seu mundo. Isso não tem nada que ver com agir conscientemente, com conhecimento do que é bem e do que é mal. A criança não percebe que se bater num cão o animal sente dor. Uma criança não tem consciência, tem apenas sementes de consciência.

Os políticos tentam convencer-nos de que a toda humanidade tem uma consciência coletiva, comum. Não tem. A consciência tem de ser cultivada diligentemente por cada indivíduo. Temos de aprender a fazer silêncio para ouvirmos a nossa pequenina voz interior. Duvido que qualquer dos políticos que assinaram a Declaração tivesse alguma ideia do que é ser consciente, já para não dizer consciencioso. A consciência só é alcançada depois de uma longa peregrinação interior. Nem todas as capacidades nos são dadas à nascença, só as necessárias para a nossa sobrevivência imediata. As outras existem apenas em forma de semente.

Desenvolver ao máximo a sua consciência requer trabalho da parte do indivíduo. A natureza prepara-nos para a sobrevivência, mas não para a vida, a alegria, o silêncio, o êxtase, o amor. À natureza pode bastar a satisfação do sexo – afinal qual é a necessidade do amor? Porque havemos de criar complicações? Se quisermos o amor teremos de o procurar, se quisermos a consciência teremos de a cultivar. Teremos de ser jardineiros de nós próprios – o nosso ser é o nosso jardim.

O nosso ser é o Jardim do Éden de que fala a Bíblia cristã. Um jardim que não fica situado algures numa estrela distante, mas dentro de nós. Fomos expulsos dele, e desde então andamos à procura do portão que nos foi fechado. No momento em que entramos, estamos de volta ao Paraíso. Mas há milhares de anos que ninguém cuida desse jardim, nunca mais ninguém lá entrou. As plantas secaram, só ficaram as sementes. Não vemos flores, folhas, vegetação. Mas podemos fazê-lo florescer de novo, porque o potencial do jardim está intacto.

Os políticos não sabem o que é a consciência. Julgam que é apenas uma palavra para enfeitar discursos.

Contaram-me uma história:

Um psicólogo compareceu perante três examinadores para uma prova oral do seu doutoramento.

A primeira pergunta que lhe fizeram foi: «Quais são as qualidades mais importantes do leite materno?»

O psicólogo ficou um tanto admirado, o que tinha a sua tese que ver com o leite materno? Não tencionava fazer carreira em produtos lácteos ou coisa semelhante. Mas que remédio, tinha de dar uma resposta... e começou:

– Primeiro, o leite materno contém todos os nutrientes necessários ao desenvolvimento da criança. É um alimento completo. Em segundo lugar, vem do corpo da mãe, e por isso vem quente, fácil de digerir e livre de quaisquer infecções ou doenças ambientais... A criança fica protegida.

– Muito bem. E em terceiro lugar?

Houve um instante de silêncio, porque o doutorando não sabia o que mais dizer. Em terceiro lugar... em terceiro lugar... Não bastava já ter inventado duas razões? Um argumento acudiu-lhe por várias vezes ao espírito, mas ele afastou-o sempre, até que, não conseguindo encontrar outro, rematou:

– Em terceiro lugar, porque vem numa bonita embalagem!

Há muitos idiotas doutorados em Psicologia. Era a primeira coisa de que se tinha lembrado ao ouvir falar de leite materno – a «embalagem». Porquê? Porque era a associação que tinha no subconsciente.

Ao ler a Declaração, a minha primeira ideia foi que os seus autores eram gente erudita que sabia manipular as palavras. Servem-se de bonitas embalagens para nos influenciar e distrair, escondendo a realidade.

Artigo 1.º

Todos os seres humanos nascem livres.

Todos os seres humanos nascem livres?

É um perfeito absurdo. Se acham que todos os seres humanos nascem livres, deixem um recém-nascido em liberdade: não resistirá vinte e quatro horas. A cria humana é a mais vulnerável do mundo. Que liberdade é a sua? Nasce incapaz de andar, de comunicar ou de voar. Aliás, um cientista defendeu – e eu confesso que de certo modo concordo com a ideia – que a cria humana nasce antes do que devia. Precisava pelo menos de outros nove meses no ventre da mãe, porque ao nascer ainda não está pronta, ainda está incompleta. Os outros animais recém-nascidos começam rapidamente a andar e a procurar comida. São mais independentes, mais completos. O filhote humano não poderia sobreviver sem o apoio da mãe e do pai, de uma família ou de outros seres humanos. Que liberdade é a sua? Por isso digo que este Artigo contém a grande subtileza do político: convencer-nos de que não precisamos de liberdade (porque já a temos). «Não tens de te preocupar com a liberdade. Nasceste livre. Todos os seres humanos nascem livres.»

Todos os seres humanos nascem totalmente indefesos e dependentes. Pode levar anos até serem livres, e há milhões de pessoas que nunca alcançam a liberdade. A Declaração diz que todos nasceram livres – eu digo que milhões de pessoas vivem, morrem, e nem depois de mortas são livres. Pensa na tua própria vida: és livre? Não. Onde há um marido, a mulher não é livre; onde há uma mulher, o marido não é livre. Observo às vezes os casais na rua: o marido nem tem a liberdade de olhar para o lado! Segue de olhos no chão, como um monge budista que só deve ver uns palmos à sua frente, e a mulher vai-o vigiando pelo canto do olho. Que liberdade é a dele? Quando o marido chega a casa,

é recebido com perguntas: «Onde estiveste?» «Porque te atrasaste?» Chamam a isso ser um homem livre?

Quando me puseram na escola, eu chegava geralmente atrasado. A vida lá fora era tão interessante, e pelo caminho havia tantas mangueiras carregadas de frutos... Na estação das mangas, o seu perfume enche o ar de doçura. A manga é sem dúvida a rainha das frutas. Mas havia também outras árvores, e eu gostava mais de me sentar num ramo que numa carteira. Lembro-me de que no meu primeiro dia da secundária entrei na sala com meia hora de atraso e o professor me ralhou:

– Não admito faltas de pontualidade. Ninguém entra na minha aula depois de eu ter chegado. E agora diz-me porque te atrasaste.

– É por isso mesmo – respondi eu – que nunca me hei de casar.

– O que tem a escola que ver com o teu casamento?

– Tem que estou farto de ouvir a mesma coisa no meu bairro. As mulheres estão sempre a perguntar aos maridos onde estiveram e por que razão se atrasaram, e eu resolvi que não vou responder a perguntas dessas. Vou sacrificar a minha vida inteira para não ter de dar satisfações à minha mulher, e acha que lhas ia dar a si? Prefiro mudar de aula. Boa tarde.

Ele virou-se para a turma:

– O vosso colega quer desviar a conversa mudando de assunto.

O que tem o casamento que ver com a Geografia?

Mas vi que tinha ficado intrigado, e depois das aulas chamou-me.

– Agora podemos conversar. Gostava de ouvir as tuas razões.

– Ninguém tem o direito de me perguntar porque chego atrasado ou onde estive. A vida é minha, e se eu quiser arruiná-la tenho esse direito. Um professor é um funcionário pago para ensinar Geografia, não lhe compete fazer perguntas que possam violar a minha independência. Detesto essas perguntas. Sou capaz de deixar a escola e essas tretas da educação. Se Jesus, sem ter andado na escola, espantou os doutores do Templo com a sua sabedoria; se Kabir, sem ter andado na escola, conhece a transcendência... Eu não estou interessado em nenhum negócio, em nenhum lucro, em nenhum emprego, por isso, se me quiser nas suas aulas, terá de ser mais cortês e não interferir na minha liberdade.

Reza o Artigo 1.º que «*todos os seres humanos nascem livres*». É uma estratégia dos políticos para nos hipnotizar e condicionar. Dão-nos a ideia de que nascemos livres, e que portanto não temos de lutar pela nossa liberdade, não temos de levar a cabo uma revolução interior que nos torne realmente livres – livres de tudo, até do corpo, porque o corpo é uma prisão. O Oriente é mais corajoso. Ensina-nos que nascemos numa prisão, que o nosso corpo, a nossa mente e o nosso espírito são prisões. O nosso consciente está confinado a um espaço minúsculo, ele que é capaz de abarcar todo o universo. Não conhecendo o nosso potencial, acreditamos que somos minúsculos.

Os políticos, para mim, são criminosos, piores que os burlões que se sentam no banco dos réus, porque a sua intenção é enganar toda a gente. Mas a burla é subtil: «Tu nasceste livre.» Ou seja, a liberdade não é questionável, não é uma realidade a ser criada, conquistada, merecida. Já tens a liberdade!

George Gurdjieff foi o único homem a dizer uma coisa tremendamente importante: «Não temos alma.» Ora, em todo o mundo, as religiões dizem que temos alma, que nascemos com uma alma. A voz de Gurdjieff é a única na História que se levanta a dizer que nem todos os homens têm alma, que o lugar da alma está vazio. A alma existe como uma possibilidade, podemos criá-la, trabalhando para isso, mas não nascemos com ela.

Eu sei, como Gurdjieff sabia, que nascemos com uma alma, mas o conceito não tem sido de grande utilidade. Serviu apenas para adormecer as pessoas: «Nasceste com uma alma, tens Deus dentro de ti, o reino de Deus está contigo, não precisas de fazer mais nada.» Quando se trata de coisas que não estão dentro de nós (dinheiro, poder, respeito) trabalhamos muito para as obter, porque ninguém nos diz «Todos os seres humanos nascem com dinheiro, com poder político, com respeitabilidade, portanto não precisas de fazer mais nada». Ninguém nos diz isso, e sabemos que essas coisas têm de ser conquistadas.

A liberdade, a consciência, a divindade – o que lhe queiram chamar – tem de ser uma descoberta pessoal. Está escondida, adormecida; tem de ser ativada, cultivada até dar flores e frutos. Dizer às pessoas

«Nasceste livre, igual em dignidade e direitos...» é uma mentira cómoda, é brincar com as palavras.

Nenhuma pessoa é igual a outra. É um facto psicológico.

Em corpo, mente, talento ou génio, não há dois seres humanos iguais. Um Sigmund Freud é um Sigmund Freud, um Bertrand Russell é um Bertrand Russell, um D. H. Lawrence é um D. H. Lawrence... Não há outro D. H. Lawrence, nunca haverá. Cada indivíduo é único.

A teoria da igualdade, que é uma ideia falsa, tornou-se quase uma religião nos nossos dias. Mas essa «Igualdade», deixem-me dizer-vos, é a ideia mais destrutiva que se pode incutir no cérebro humano. É absurdo que seja preciso recordar-nos que somos únicos.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

São afirmações desprovidas de base. Nem todos os seres humanos nascem dotados de razão. Há realmente algumas pessoas que considero dotadas de razão, como Bertrand Russell, que mencionei há pouco, ou J. Krishnamurti... Mas a maioria das pessoas vive agarrada a superstições, e quem não se libertou de todas as suas superstições não pode ser considerado racional.

Os cristãos (e no grupo de políticos que assinaram a Declaração havia uma esmagadora maioria de cristãos) acreditam que Jesus nasceu de uma virgem. Parece-vos racional? Além disso Jesus morreu crucificado, ressuscitou, e ressuscitou outros mortos. São esses os fundamentos da fé cristã. Basta cortar as cenas mais fantasiosas para ficar a descoberto um cristianismo que é a mais ímpia das religiões, a mais pobre em termos de espiritualidade. O nascimento virginal? Corta. A ressurreição? Corta. A caminhada sobre as águas? Corta. A transformação da água em vinho? Chamem as autoridades que fiscalizam a segurança alimentar! Mas se cortarmos todos esses cromos, o que sobra do cristianismo?

No budismo não se pode cortar nada que cheire a superstição porque o próprio Buda se encarregou disso. O budismo é pura razão.

Dizer que o homem é dotado de razão à nascença não me parece exato. Olhando para o nosso mundo, também não me parece que seja um mundo racional. Não vivemos segundo a razão, temos vivido sempre à luz de irracionalidades de todos os géneros. Mas é agradável ouvir que somos «dotados de razão». Quanto menos racionais e razoáveis somos, mais e mais depressa acreditamos.

[...] e de consciência, e devem agir uns para com os outros num espírito de fraternidade.

A consciência é um estado que só se alcança após uma longa meditação – é um fruto da meditação. Poucas pessoas, ao longo da História, o têm atingido. Por isso palavras como consciência, consciente, consciencioso ou conscientização, todas elas da mesma raiz, foram tomando cambiantes diferentes em muitos países. As religiões sempre tentaram separar a consciência do consciente, por uma boa razão: a consciência requer uma prévia meditação profunda. Mas por quanto tempo é possível manter uma mentira? A verdade é como a luz, basta-lhe aparecer para dissipar as trevas. A meditação faz-nos alcançar o estado de consciência, do conhecimento consciente. As religiões criaram outro sentido para a palavra: chamam «consciência» à assimilação dos seus ensinamentos, do que elas dizem ser o bem e mal, o pecado e a virtude; decorar essas lições seria formar a consciência. É um estratagemas para separar a consciência do conhecimento.

Mas não pode existir consciência autêntica sem conhecimento. O que criaram foi uma coisa falsa, artificial, um condicionamento a que chamaram «consciência».

Eu, por exemplo, nasci numa religião muito antiga, talvez a mais antiga de todas. É uma religião com poucos crentes, mas com muitos tabus. Até aos dezoito anos nunca tinha visto um tomate em minha casa. Alguma vez consideraram o tomate um perigo? Mas o tomate é da cor da carne, e isso é o bastante para ser banido. Até aos dezoito anos também nunca tinha comido à noite, porque isso me era igualmente proibido pela religião: só se pode comer entre o nascer e o pôr do sol, porque quem come à noite corre o risco de involuntariamente

comer uma formiga ou outro inseto, o que é um ato de violência. Devemos portanto comer sempre à luz do dia.

Quando tinha dezoito anos fui com um grupo de amigos visitar um castelo famoso, a alguns quilômetros de distância. Fartámo-nos de andar. Havia tanta coisa a ver e a fazer que ninguém parecia pensar em comida. Tive de dizer: «Despachem-se, olhem que o sol não demora a pôr-se, e eu já sinto fome! Desde manhã que andamos às voltas na montanha! Foi uma bela experiência, mas abriu-me o apetite.»

Responderam-me que enquanto houvesse luz tínhamos de aproveitar para ver o que pudéssemos, e depois comeríamos.

Eu era o único que não estava habituado a comer à noite. Para os outros não havia qualquer problema. Já eram nove ou dez horas quando ficou pronto um jantar delicioso (sobretudo para quem tinha passado o dia a escalar serras!), e eu senti-me dividido, sem saber o que fazer. Expliquei aos meus amigos que infelizmente a minha religião me proibia de comer à noite, sob pena de ir para o Inferno. Ora, eu não queria ir para o Inferno só por causa de um jantar, mas tinha tanta fome que não ia conseguir dormir. E o cheiro da comida era demasiado tentador!

Convenceram-me, prometendo-me que não diriam nada aos meus pais e que mais ninguém ficaria a saber. Só que o meu problema não eram os outros, era eu! Depois de dezoito anos de condicionamento, não conseguia imaginar-me a comer à noite. Mas os meus amigos insistiram tanto, e eu tinha tanta fome, que acabei por jantar com eles. E o que aconteceu foi que depois não consegui adormecer: passei a noite a vomitar. Éramos uns vinte, e nenhum dos outros sofreu qualquer incómodo, todos dormiram regaladamente, como adolescentes cansados e bem jantados. Eram quase cinco da manhã quando eu consegui fechar os olhos, depois de ter despejado tudo o que tinha no estômago.

Comecei a pensar que comer à noite era mesmo muito perigoso. Se um só deslize me deixava naquele estado lamentável, que ia ser dos meus amigos, que toda a vida tinham comido depois do sol-posto? Iriam todos para o Inferno? E toda a gente que comia à noite... Iria toda essa pobre gente para o Inferno? À minha volta, os meus amigos

dormiam como anjos, nenhum se tinha sentido mal, portanto a culpa não era da comida. E eles não sentiam culpa nenhuma. A culpa tinha então de ser do meu condicionamento. Eu tinha sido levado a acreditar num erro, e aceitar cegamente uma ideia cria em nós um reflexo condicionado, uma falsa consciência que continua a dizer-nos «Faz isto, não faças isso!».

A consciência não é isso. A consciência é o conhecimento provado, real, e sabe o que fazer e o que não fazer. Não há opções. A consciência não é uma questão de escolhas, é o conhecimento do bem e do mal.

Não nascemos conscientes e muito menos conscienciosos. A noção mais comum de consciência foi criada pelas religiões, que a usaram para instrumentalizar os homens. (Talvez devêssemos substituir a palavra *consciência*, que está associada a um longo passado e tem conotações traiçoeiras, por «autoconhecimento», «conhecimento consciente» ou mesmo só «conhecimento» ou «consciente».)

A consciência é o perfume do nosso silêncio absoluto. Não nascemos com ela – mas alcançá-la é como nascer de novo, num mundo novo.

Era a isso que Jesus se referia ao dizer a Nicodemos que «*quem não nascer do Alto não pode ver o reino de Deus*». Não falava de uma vida futura. Dizia-lhe que tinha de transformar o seu ser, ampliar a sua consciência, e só assim poderia conhecer Deus.

Aos que vivem em consciência, silêncio e meditação, não é preciso explicar que a humanidade é uma unidade. Existem nela. É a sua experiência quotidiana. E não é apenas uma comunidade de homens, abrange sem distinção homens e mulheres. Mas isso é apenas uma consequência lógica, não é preciso classificá-la como um direito fundamental.

Artigo 2.º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação.

Palavras ocas. A primeira coisa que me exigiram ao chegar aos EUA foi que declarasse sob juramento que não era anarquista – um anarquista não tem direito a entrar. Mas o anarquismo não é uma opinião política? Não consigo perceber como podem os políticos continuar a fazer declarações destas. Nunca ninguém lhes terá perguntado quando vão começar a pôr em prática as suas declarações? Em todo o lado há discriminações. Às vezes são diferentes de país para país, mas não há um só país onde não haja discriminações.

A humanidade precisa de vozes que se levantem contra esses chamados benfeitores. Acreditarão eles que estão a prestar um grande serviço? Na Índia, para citar um caso, uma mulher recebe menos que um homem por um trabalho igual. Ora, a Declaração diz que os direitos são iguais para todos, sem distinção, seja o trabalhador homem ou mulher, preto ou branco. Não me parece que seja verdade.

Nos EUA passei por seis prisões, e em nenhuma delas vi um prisioneiro branco. Seis prisões federais enormes, cada uma com seiscentos ou setecentos reclusos, todos eles negros. Se isso não é discriminação, parece-me uma estranha coincidência que num país de brancos todos os criminosos sejam negros. E há mais. Falei com alguns desses prisioneiros (todos me conheciam e estimavam: há cinco anos que me viam na televisão e acompanhavam as minhas polémicas palestras; muitos liam os meus livros e diziam-me que o dia em que me tinham conhecido na prisão ficaria marcado nas suas vidas). Falei com eles, e perguntei-lhes que crime os levara ali.

– Nenhum dos homens que aqui vê cometeu um crime. Fomos presos, como lhe aconteceu a si, sem qualquer mandado. E agora estamos à espera de comparecer em tribunal. Dizem-nos sempre que os papéis devem chegar amanhã, ou na próxima semana o mais tardar, mas o amanhã nunca mais chega.

Um deles disse-me que estava ali há nove meses nessas circunstâncias.

Ora, segundo a Declaração, ninguém pode ser preso sem um mandado nem ser mantido na prisão sem ter sido condenado por um tribunal. A inocência não tem de ser provada. É o crime que tem de ser provado para que alguém possa ser preso. Mas havia homens

que estavam ali há nove, oito ou seis meses. Todos eles eram jovens. Comecei a perceber um padrão: não havia nenhuma acusação contra eles, mas eram jovens e contestatários. Falavam em direitos para os negros, exigiam direitos iguais para os negros. Era esse o seu crime. Não podiam ser julgados porque não havia acusação formada contra eles e o tribunal teria de os libertar, por isso iam ficando na prisão. Ora, isso é simplesmente um crime do governo dos EUA.

Conheci seis prisões e uns três ou quatro mil jovens negros. Deve haver outros milhares em instituições semelhantes.

Explicaram-me os meus advogados que a pressão internacional obrigava o governo a cumprir a lei e por isso eu iria comparecer em tribunal. Sem isso... Se os meios de comunicação social não tivessem alertado o mundo inteiro para o crime que o governo estava a cometer contra um inocente, se o mundo se tivesse mantido em silêncio... como teria sido? Mas o caso provocara demasiado escândalo, com os meios de comunicação internacionais a denunciar o abuso, a pressão tornara-se insustentável, e portanto, com muita relutância, iam levar-me a julgamento.

Mesmo assim esperei doze dias. Era outra violação dos direitos humanos. Da penitenciária ao tribunal competente eram cinco horas de voo. O meu jato estava parado no aeroporto, pusemo-lo à disposição das autoridades. «Podem usar os vossos pilotos e os vossos guardas para me levar ao tribunal. Qual é a necessidade de me manter aqui mais tempo?»

Disseram-me que só podiam utilizar os seus próprios meios de transporte. A estratégia era «o avião não veio hoje, teve uma avaria...», como se a Polícia tivesse um único avião ao seu serviço. Doze dias para uma viagem de cinco horas. Mesmo assim, olhando à minha volta, pensei que tinha sido rápido, apenas doze dias!

Todos os governos continuam a cometer ilegalidades e a violar os direitos humanos. E os representantes desses governos não têm pudor em invocar a Declaração, talvez mesmo sem perceberem o que estão a fazer. Estão a oferecer-nos mentiras piedosas.

Artigo 3.º

Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Falta o direito à morte, que é muito importante. O nascimento não está nas nossas mãos – nascemos sem o nosso consentimento – mas a morte está. Podemos escolher: morrer sem o nosso consentimento ou morrer com a dignidade de um ser humano, por nossa livre vontade. Em vez de esperar pela morte, sair do palco quando acharmos que vivemos o bastante. Mas os políticos não se atreveram a pôr a morte na lista dos direitos, porque todas as religiões e todos os partidos políticos se ergueriam contra eles. Preferem falar de coisas reconfortantes, da «vida». Mas que espécie de vida?

Nos anos 70 e princípios de 80 do século xx, a Comunidade Económica Europeia acumulou uma quantidade gigantesca de bens alimentares produzidos em excesso (as célebres «montanhas de manteiga»). Ao mesmo tempo, na Etiópia, morriam de fome mil pessoas por dia. Mas a produção europeia em excesso não era doada à Etiópia: era lançada ao mar, numa operação que custava dois mil milhões de dólares (sem contar com o valor das mercadorias: dois mil milhões apenas para as transportar e deitar à água) e que era preciso repetir de seis em seis meses, para esvaziar os armazéns sobrelotados e fazer espaço para os novos excedentes. Mas mandá-los para a Etiópia, isso não!

Na Índia, metade da população vive em estado de carência alimentar, e um quarto em estado de subnutrição muito grave. Metade da população dos campos faz apenas uma refeição por dia – e quando falo em refeição estou a referir-me a pão, sal e molho de manga ou de outra fruta local. Não é o menu do Hotel Taj Mahal. Não é uma alimentação condigna.

Enquanto o mundo não for um só, não poderemos alimentar condignamente toda a sua população.

E falam-nos do direito à vida? Que significa isso? Há pessoas a morrer de fome. O que fez a Comunidade Europeia é o que faz hoje a América, o que a União Soviética fazia no tempo de Estaline. A cada três meses a América destrói os seus excedentes alimentares, a um custo

de milhares de milhões de dólares. No tempo de Estaline, a URSS utilizava trigo como combustível nos seus comboios, porque o trigo era mais barato, era um excedente, e o carvão era caro e difícil de obter na Rússia. Gente que morre de fome não conta.

Artigo 9.º

Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

«*Ninguém pode ser arbitrariamente preso* [...]». Não pode? Eu fui, e sou testemunha de que esse artigo não é acatado por nenhum governo, nomeadamente pela América, que foi o patrocinador da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Também já estive detido em Inglaterra, e a razão não podia ser mais arbitrária. Eu só queria ficar seis horas no aeroporto, no *lounge* da primeira classe, porque os meus pilotos tinham esgotado o seu tempo de voo permitido (é contra a lei pilotar mais que doze horas seguidas) e tivemos de aterrar para eles fazerem o intervalo de repouso obrigatório. Os pilotos avisaram-me: «Arriscamo-nos a ter problemas, vão dizer-nos que o *lounge* é para os passageiros da primeira classe e o Osho não é um passageiro, é o dono de um avião.» Disse-lhes portanto que comprassem bilhetes de primeira classe para todos, no primeiro voo da manhã: «Seguimos no nosso avião, mas temos bilhetes para o caso de alguém vir implicar connosco.» Não tardou a aparecer um agente da segurança. Mostrámos os bilhetes, e ele foi completamente apanhado de surpresa, sem saber o que fazer. Gaguejou que tinha de perguntar às autoridades competentes – que, pelos vistos, era a própria primeira-ministra: na sua atrapalhão, o homem esqueceu-se da pasta em cima da mesa, e ao pegar-lhe vi que era um despacho do governo. Eu não tinha sequer pedido um visto de entrada no país, o Parlamento escusava de se incomodar por minha causa! Quando o agente regressou expliquei-lhe, muito cortesmente:

– Eu não quero entrar no país. Não tenho nada a fazer em Inglaterra, e mesmo que a Inglaterra me recebesse com uma passadeira vermelha, não tenho a intenção de pisar solo britânico. Só quero

descansar no *lounge*, que não tem outra porta de saída e fica dentro do aeroporto. Ora, o aeroporto não é britânico, é zona internacional.

Ele desculpou-se:

– Não posso fazer nada, as ordens vieram de cima: «Se ele insistir, detenham-no, e ele que espere as seis horas na cadeia.»

Passei portanto seis horas na cadeia, sem qualquer fundamento, justo ou arbitrário. Não era acusado de nenhum crime, tinha o bilhete, tinha o avião, só queria descansar. Mas tenho denunciado tantas vezes os políticos que eles receiam que deixar-me dormir seis horas num *lounge* de aeroporto possa constituir um risco para a religião, a moral e os bons costumes da Inglaterra. A minha simples presença no aeroporto podia corromper a juventude!

Essa gente não é humana, nem tem qualquer respeito pela dignidade humana.

Artigo 18.º

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

«*Liberdade de pensamento*»? Nunca fiz mais do que expressar o meu pensamento. Se isso é um direito, então nenhum governo do mundo deveria ter alguma coisa contra mim. Não sou um ativista político, não pretendo qualquer espécie de poder. Apenas digo o que vejo, com uma lucidez que expõe a cegueira dos políticos. De que têm medo?

«*Liberdade de manifestar a sua convicção*»? O Vaticano pôs os meus livros no Índice, a lista do que os católicos não podem ler. Sim, eles têm uma lista negra. Na Idade Média, um livro que figurasse no Índice era queimado em toda a Europa. Atualmente não podem fazer o mesmo, mas pelo menos podem limitar a minha liberdade de expressão proibindo a leitura dos meus livros aos seus fiéis. E os católicos não são

uma pequena minoria, são setecentos milhões de pessoas, um mundo em si mesmo. Proibir que leiam os meus livros é confessar a derrota, admitir que não sabem responder-me.

Mas então porque insistem em falar de uma Declaração Universal dos Direitos do Homem?

Artigo 19.º

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

Não é verdade. O Parlamento indiano pressionou os meios de comunicação social para não falarem das minhas ideias. O governo americano tem pressionado o governo indiano para que nenhum jornalista do Ocidente seja autorizado a entrevistar-me. Mais, tem solicitado aos governos da Europa e da Austrália que eu não seja autorizado a residir nos seus países, que seja repatriado para a Índia. Por isso todos os países europeus emitiram decretos que não me permitem pisar o seu solo nem com um visto turístico de três semanas. A intenção dos EUA é que eu não possa entrar em qualquer outro país e que ninguém que entre na Índia possa ver-me ou falar comigo. Pensam que desse modo poderão destruir o movimento *sannyas*.

Isto acontece nos nossos dias. Bonitas palavras, lindas frases – mas ocas.

Artigo 22.º

Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos económicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país.

Ou seja, todos os seres humanos têm direito ao livre desenvolvimento da sua personalidade. Mas não vejo que exista liberdade para isso.

Para começar, os autores do texto ignoram que a personalidade é a parte aparente do homem, e que não deve ser desenvolvida. A realidade do homem é a sua individualidade, e essa, sim, deve ser cultivada. Mas eles não falam de individualidade. Talvez nunca tenham sequer pensado nisso, porque só têm personalidade; a sua individualidade ainda não foi despertada, ativada. Por isso falam de «personalidade». Mas «personalidade» é uma palavra traiçoeira. A sua raiz é «*persona*», que significa máscara. Ora, nós reprovamos o uso das máscaras, pensamos que as pessoas devem ser naturais, espontâneas, autênticas.

Artigo 25.º

[...] Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimónio, gozam da mesma proteção social.

Se acreditarmos nisso, o matrimónio perde a sua razão de ser. Se os filhos legítimos e os ilegítimos têm direitos iguais, o casamento como instituição desaparece, deixa de ter utilidade. Mas isso não têm os políticos coragem para dizer. Aliás, sabemos que em nenhum sítio os filhos ilegítimos são respeitados. São malvistas por todos.

Só perdi tanto tempo com esta ladainha de disparates porque os seus autores são as pessoas que controlam o mundo, e que devem ser desmascaradas sempre que possível. Têm mantido escravizada a humanidade, e não devemos permitir que continuem a fazê-lo.

Não são eles que têm direito a fazer declarações, somos nós. Nós, os povos. Falando pelo movimento *sannyas*, que é o meu povo, declaramos que queremos viver em liberdade, amor, humanismo. Cultivaremos a nossa individualidade e colaboraremos com toda a gente que nos chame e acolha.

O único direito básico é tornarmo-nos Deus. Para quem não encontrou Deus dentro de si, tudo o resto é inútil. Quem encontra em si a divindade, encontra simultaneamente tudo o resto.